

CANTA A PERDIZ, CANTA A MULHER: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS NO CORAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Gabrielle Regina Brasil de Souza ¹
Imara Bemfica Mineiro ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as dinâmicas de memória, identidade e resistência na obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, explorando como a autora retrata a experiência feminina na sociedade moçambicana pós-colonial. A pesquisa se fundamenta nas teorias de Stuart Hall (1996) sobre a construção da identidade, Gayatri Spivak (1988) sobre subalternidade e silenciamento, Michael Pollak (1989) sobre memória como campo de disputa e resistência, e Homi K. Bhabha (1994) sobre a construção da identidade no contexto pós-colonial. A análise revela como Chiziane subverte as estruturas patriarcais e coloniais, ao dar voz a mulheres historicamente marginalizadas, ressignificando suas memórias como formas de resistência. Ao destacar a centralidade dessas personagens, o romance não só denuncia a violência estrutural, mas também propõe uma reconfiguração da memória coletiva, consolidando a literatura como instrumento de luta e transformação social, promovendo a ressignificação das identidades subalternizadas e reforçando o papel da narrativa como ferramenta essencial na reconstrução das histórias silenciadas e na afirmação de novas subjetividades. Dessa forma, a obra de Chiziane não apenas revisita o passado, mas também lança reflexões sobre as permanências das opressões e os desafios da emancipação feminina no presente. Assim, a literatura assume um papel fundamental na ressignificação das vozes subalternizadas e na construção de um novo imaginário social, reafirmando a importância da memória e da identidade como formas de resistência e transformação.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Resistência, Subalternidade.

INTRODUÇÃO

A literatura africana de língua portuguesa configura-se como um espaço de enunciação no qual a palavra se converte em instrumento de memória e resistência. Em um continente marcado pela violência colonial e pela imposição de narrativas eurocêntricas, a escrita literária assume o papel de recontar as histórias silenciadas e reinscrever as vozes subalternizadas, especialmente as das mulheres negras,

¹ Graduada em Letras - Espanhol, Pós-graduanda em Ensino de Línguas e Literaturas Hispânicas e Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gabrielle.souza@ufpe.br;

² Pós-doutora no Centro de Investigaciones en Identidad y Cultura Latinoamericanas, da Universidad de Costa Rica – CIICLA – UCR, 2022-2023. Doutora em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Vice-líder do grupo de pesquisa “SUTRA – Subalternidades, transculturalidade e perspectivas decoloniais”; pesquisadora do grupo de pesquisa “Outras Literaturas Hispânicas”; imara.mineiro@ufpe.br.



frequentemente relegadas à margem do discurso histórico. Nesse contexto, a obra *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane - primeira mulher moçambicana a publicar um romance -, emerge como uma narrativa fundadora, capaz de articular identidade, corpo, gênero e nação em uma trama que atravessa tempos, memórias e feridas coloniais.

A relevância da pesquisa reside na potência simbólica e política da escrita de Chiziane, que, ao narrar a experiência feminina em Moçambique, revisita o passado colonial e suas permanências no presente, questionando estruturas de poder ainda vigentes. A autora constrói uma genealogia de mulheres - Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta - cujas trajetórias revelam as múltiplas dimensões da resistência e da reconstrução identitária em um país que busca conciliar tradição e modernidade, pertencimento e ruptura. Desse modo, a narrativa ultrapassa o plano individual e inscreve-se em uma dimensão coletiva, na qual o corpo, a memória e a palavra tornam-se territórios de luta e de reexistência.

De acordo com Mata (2013), a literatura africana contemporânea opera como um “lugar de reconversão crítica”, no qual a escrita desafia as formas coloniais de representação e propõe novas maneiras de pensar a identidade e a diferença. Essa perspectiva dialoga com a proposta de Chiziane, que transforma a narrativa em um espaço de reposicionamento das mulheres moçambicanas - não mais objetos do discurso, mas sujeitos que o reconstroem a partir de suas próprias experiências.

Nessa mesma perspectiva, Brugioni (2019) destaca que as literaturas africanas comparadas instauram um “campo de tensões entre paradigmas críticos e representações em contraponto”, o que permite compreender como as obras escritas por mulheres africanas reformulam o imaginário nacional e as noções de pertencimento. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, essa reformulação ocorre pela voz e pelo corpo femininos, que reconstroem a história a partir de uma memória plural, sensorial e afetiva.

A reflexão proposta por Mbembe (2001) sobre as “formas africanas de autoinscrição” também ilumina a leitura da obra de Chiziane, uma vez que o autor ressalta a necessidade de o sujeito africano reconstruir sua própria imagem e história após a violência do colonialismo. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, essa reconstrução ocorre pela recuperação da memória ancestral e pela revalorização do corpo feminino como espaço de enunciação e resistência. O gesto de lembrar não é apenas um retorno ao passado, mas um modo de reconfigurar o presente, reapropriando-se de identidades fragmentadas e desautorizadas pela colonização. Assim, Chiziane propõe uma escrita



que descoloniza tanto o imaginário quanto a linguagem, inscrevendo na literatura moçambicana uma poética do recomeço.

Nesse sentido, Arenas (2019) afirma que as literaturas africanas de língua portuguesa “seguem tecendo narrativas de emancipação que ultrapassam as fronteiras nacionais”, pois o pós-colonialismo africano é, antes de tudo, um movimento de contínua reinterpretação das memórias coletivas. É nessa tessitura que se inscreve a obra de Paulina Chiziane: ao dar voz às mulheres silenciadas pela história, a autora amplia o campo da literatura africana e reafirma a palavra como força vital, capaz de transformar dor em canto e opressão em sobrevivência. Dessa forma, o presente estudo propõe-se a analisar como *O Alegre Canto da Perdiz* articula memória, identidade e resistência, revelando o poder da narrativa feminina na reconstrução simbólica do pós-colonial moçambicano.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir da releitura aprofundada da obra *O Alegre Canto da Perdiz*, adotando uma abordagem interpretativa que buscou identificar e compreender os elementos narrativos, simbólicos e temáticos relacionados à memória, à identidade e à resistência feminina. Para situar a análise no contexto mais amplo, foi realizado um levantamento crítico do estado da arte dos estudos acadêmicos sobre literatura africana, pós-colonialismo e questões de identidade e memória, possibilitando fundamentar a discussão e contextualizar a obra dentro do panorama literário moçambicano. Assim, a interpretação da narrativa foi conduzida em diálogo com autores como Stuart Hall (1996), Homi Bhabha (1994), Gayatri Spivak (1988) e Paul Ricoeur (2007), o que permitiu compreender como as experiências das personagens refletem processos sociais, históricos e culturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A LITERATURA AFRICANA E O LUGAR DE FALA DAS MULHERES MOÇAMBICANAS

As literaturas africanas de língua portuguesa emergem como um campo de enunciação que articula memória, identidade e resistência, configurando-se como espaço de reescrita das histórias silenciadas pelo colonialismo e pelo patriarcado. Segundo Ferreira (1987, p. 21), essas literaturas “nasceram no seio de um duplo movimento: o da resistência política e o da afirmação cultural”, sendo a palavra literária



instrumento de reconstrução simbólica das nações africanas e de seus sujeitos. Nesse sentido, o texto literário torna-se um território de enfrentamento discursivo, onde as vozes subalternizadas, sobretudo as femininas, reivindicam visibilidade e direito à representação.

A perspectiva de que as literaturas africanas de língua portuguesa se constituem simultaneamente como ato de fundação nacional e gesto de emancipação identitária é reiterada por Leite (2020, p. 47), ao afirmar que “as literaturas africanas nascem com as nações, e sua escrita é, em muitos casos, o próprio espaço da nação em construção”. Em *O Alegre Canto da Perdiz* (CHIZIANE, 2008), a escrita de Paulina Chiziane materializa essa dimensão, ao entrelaçar a história de Moçambique à trajetória de mulheres que desafiam a exclusão e o esquecimento. A autora revisita o passado colonial e expõe as feridas da mestiçagem, da guerra e da opressão patriarcal, inscrevendo as personagens femininas - Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta - como sujeitos de resistência e reconstrução.

Desde as primeiras páginas do romance, Chiziane rompe com as convenções sociais e apresenta a mulher como corpo insurgente, símbolo de uma memória ancestral que recusa o apagamento. Essa subversão é visível na emblemática cena inicial, em que o corpo feminino torna-se o primeiro grito de liberdade:

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.

— Ah?

Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério.

— Quem é ela?

Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. (CHIZIANE, 2008, p. 5).

A partir dessa imagem inaugural, Chiziane desconstrói o olhar patriarcal e transforma a nudez em símbolo de emancipação. O corpo exposto é também o corpo que denuncia, desestabilizando o moralismo social e revelando a hipocrisia das convenções. Por conseguinte, quando Maria das Dores é julgada pela comunidade, sua resposta assume a força de um manifesto político:



A nudez que elas viam não é a minha, é a delas. [...]

Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras, cobertas de mil peças de roupa como cascas de uma cebola. (CHIZIANE, 2008, p. 9).

Desse modo, a autora converte o silêncio e a loucura em formas de resistência. Esse gesto ecoa o pensamento de Spivak (1988, p. 283), para quem “dar voz ao subalterno é permitir que ele se constitua como sujeito de enunciação”. A mulher nua do rio Licungo torna-se, portanto, metáfora da libertação do corpo e da palavra, marcando a insurgência das mulheres que historicamente foram silenciadas.

Além disso, a literatura de Paulina Chiziane inscreve-se na tradição das escritoras africanas que reivindicam o corpo como lugar de memória e de fala. Nesse sentido, a autora transforma a experiência íntima em um gesto político. Como observa Rita Chaves (2006, p. 19), “a literatura africana fala da diferença para afirmar a pertença”, pois é no reconhecimento da alteridade que o sujeito se reinscreve na história. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, essa diferença se manifesta nas marcas corporais e espirituais das personagens, que carregam em si as cicatrizes da colonização e da opressão patriarcal. O corpo feminino, portanto, não é apenas espaço de dor, mas também de resistência e reconstrução simbólica.

Nesse contexto, Stuart Hall (1996, p. 69) enfatiza que “a identidade é uma produção, nunca completa, sempre em processo”, o que permite compreender as múltiplas transformações vividas por Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta. Essas mulheres, separadas por gerações, refletem o movimento da história moçambicana — da dominação colonial à busca pela autonomia individual e coletiva. Assim, ao dar voz a suas personagens, Chiziane rompe com o discurso hegemônico e evidencia que a identidade feminina é tecida entre a lembrança e o esquecimento, entre a submissão e a rebeldia, entre o trauma e a esperança.

TECENDO IDENTIDADES NO PÓS-COLONIAL: ENTRE FERIDAS E RECONSTRUÇÕES

A construção identitária em *O Alegre Canto da Perdiz* revela-se em constante tensão entre heranças coloniais e reinvenções subjetivas. As personagens femininas de Paulina Chiziane vivem à margem de estruturas rígidas de poder, carregando, no corpo e na



memória, as marcas da dominação. A autora cria narrativas em que a identidade não é algo pré-determinado, mas resultado de embates entre forças sociais, políticas e culturais. Como observa Santos (2004), a identidade nos contextos pós-coloniais emerge de zonas de fronteira, onde coexistem vestígios do colonialismo e práticas de resistência. Nesse sentido, as mulheres do romance - Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta - não são meras vítimas, mas sujeitos que enfrentam, negociam e transformam os sentidos de si mesmas.

Um elemento central dessa construção identitária é a maneira como as personagens lidam com a mestiçagem. A condição de “entre dois mundos” - africano e europeu - é atravessada por hierarquias raciais e sociais que não se dissolvem com a independência política. Maria Jacinta, por exemplo, nasce do encontro desigual entre colonizador e colonizada, e sua trajetória revela a violência simbólica inscrita nas relações coloniais. Bhabha (1994) explica que o “entre-lugar” pós-colonial não é um espaço de harmonia, mas de fricção, onde identidades híbridas são forjadas entre tensões e contradições.

Outro aspecto importante é a forma como a identidade feminina se constrói a partir de experiências coletivas e não apenas individuais. A narrativa destaca que as histórias de Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta não se isolam: elas se sobrepõem, ecoam e se entrelaçam, configurando uma memória compartilhada. Gilroy (1993) argumenta que identidades negras são formadas no trânsito, na diáspora e na relação com o outro - não se trata de uma identidade fixa, mas de um fluxo contínuo de significados. Ao construir genealogias femininas atravessadas pela opressão colonial e pela resistência cotidiana, Chiziane cria uma rede de identidades em movimento.

Essa identidade em trânsito também se manifesta no modo como as personagens lidam com os espaços que habitam. O território, longe de ser neutro, funciona como extensão simbólica de seus corpos e histórias. As aldeias, rios e montanhas evocam tanto lembranças de opressão quanto possibilidades de libertação. Mbembe (2001) afirma que, nos contextos pós-coloniais africanos, o espaço é um campo de poder - nele, se inscrevem as marcas da violência colonial, mas também os gestos de subversão. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, os espaços narrativos não aprisionam as personagens; eles tornam-se lugares de enunciação e resistência.

MEMÓRIAS QUE CANTAM: O PASSADO COMO HERANÇA E RESISTÊNCIA

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, a memória não se limita à evocação nostálgica do passado, mas constitui um gesto político e espiritual de reconstrução. Paulina Chiziane



faz do lembrar uma forma de resistência, na medida em que reinscreve na narrativa as vozes femininas apagadas pela colonização e pelo patriarcado. Ao trazer à tona as histórias de Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta, a autora propõe uma genealogia de mulheres que transformam a dor em canto - e o canto, em sobrevivência.

A narrativa demonstra que lembrar é também reinventar. A memória das personagens é fragmentada, marcada por silêncios, deslocamentos e traumas, o que evidencia que o passado não é estático, mas atravessado por múltiplas temporalidades. Como afirma Ricoeur (2007), a lembrança é sempre uma reconstrução mediada pelo presente, uma tentativa de dar sentido ao vivido. Nesse sentido, a rememoração, em Chiziane, é um ato de cura: ao revisitar as feridas coloniais e familiares, as mulheres reelaboram suas identidades e reafirmam sua existência.

Essa dimensão é particularmente visível em Delfina, cuja voz confessional resgata o passado de dominação e culpa:

Sou das que hibernam de dia, para cantar com os morcegos a sinfonia da noite, sou feiticeira. Tive todos os homens do mundo. [...] O único tormento que sofri nesta vida maldita foi a dor de te ter perdido. (CHIZIANE, 2008, p. 29).

Nessa passagem, a memória torna-se redenção e punição. Delfina, ao narrar sua história, revisita as violências sofridas e cometidas, mas também se reapropria da própria voz, rompendo o silêncio histórico das mulheres que foram julgadas e marginalizadas. A lembrança, aqui, não busca o esquecimento, mas a reconciliação com o que foi negado, o direito de existir e de ser narrada.

Chiziane constrói um espaço simbólico em que o recordar é coletivo. A memória de uma mulher convoca a memória de muitas, compondo um tecido intergeracional que reconstitui a história moçambicana sob outro prisma. Coelho (2013) lembra que a literatura africana pós-independência frequentemente se torna “um território onde a nação se interroga e se reconta a partir de suas ruínas”. Assim, ao resgatar os fragmentos de um passado mutilado pela escravidão, pela guerra e pela colonização, *O Alegre Canto da Perdiz* reinscreve o país no mapa das suas próprias lembranças.

Essa reconstrução também implica uma crítica à história oficial — linear, masculina e eurocêntrica. Nora (1984) aponta que a memória difere da história porque preserva o vivido, o afetivo e o simbólico; ela é “vida, sempre em evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Chiziane se apropria dessa perspectiva ao fazer da



oralidade e do mito elementos centrais da narrativa. As histórias contadas pela “mulher do régulo”, por exemplo, reativam uma ancestralidade feminina que antecede o domínio colonial:

Era uma vez... No princípio de tudo, homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. [...] Uma mulher nua do lado dos homens? Ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. (CHIZIANE, 2008, p. 12).

A cena mostra como o mito e a memória funcionam como instrumentos de resistência simbólica. O ato de contar histórias reafirma o poder da palavra feminina e a continuidade da tradição oral africana, que preserva saberes e identidades ameaçadas pela imposição de uma cultura estrangeira.

Ao situar a memória como herança e como luta, Chiziane aproxima-se do Santos (2009), que defende a necessidade de uma “ecologia de saberes”, capaz de valorizar conhecimentos marginalizados e reverter a lógica colonial do esquecimento. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, essa ecologia manifesta-se na coexistência entre o sagrado e o profano, o ancestral e o contemporâneo, a voz da louca e a sabedoria da anciã - múltiplas temporalidades que se entrelaçam para reafirmar a persistência da vida.

O canto da perdiz, que dá título ao romance, sintetiza essa poética da memória: é o som que ecoa entre as ruínas, lembrando que, apesar da violência da história, as vozes femininas continuam a cantar. O canto é, assim, metáfora da resistência - uma forma de dizer o indizível e de transformar o sofrimento em possibilidade de reexistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura crítica da obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, permitiu identificar quatro eixos simbólicos centrais que articulam as dimensões de memória, identidade e resistência no contexto moçambicano pós-colonial. A seguir, apresenta-se um quadro-síntese das categorias analíticas construídas a partir da correlação entre teoria e narrativa literária.

Quadro 1 – Categorias analíticas de leitura da obra <i>O Alegre Canto da Perdiz</i>			
Categoria	Conceito	Personagem/Elemento Narrativo	Síntese Analítica
	O corpo feminino como	Maria das Dores - mulher	A nudez deixa de ser



Corpo como resistência	espaço político de enunciação e subversão (Spivak, 1988; Chaves, 2006).	nua do rio Licungo.	objeto de escândalo e se torna metáfora da libertação; o corpo insurgente denuncia o patriarcado e reinscreve a voz feminina no espaço público.
Identidade em trânsito	Identidade como processo e hibridismo cultural (Hall, 1996; Bhabha, 1994).	Maria Jacinta - fruto da mestiçagem colonial.	A mestiçagem revela a tensão entre o pertencimento e a exclusão; a personagem encarna o entre-lugar pós-colonial, negociando sua existência entre memórias opostas.
Memória como reexistência	Memória como campo de disputa e reconstrução simbólica (Pollak, 1989; Ricoeur, 2007).	Delfina — confissão e rememoração da culpa.	O ato de lembrar funciona como cura e resistência; ao narrar-se, Delfina desafia o esquecimento e transforma o trauma em força de recomeço.
Ancestralidade e voz coletiva	Oralidade e memória como formas de resistência cultural (Nora, 1984; Santos, 2009).	Mulher do régulo / mito dos Montes Namuli.	A tradição oral resgata a memória ancestral e legitima saberes femininos marginalizados; a narrativa reafirma a continuidade da linhagem e da história das mulheres moçambicanas.

Fonte: elaboração própria (2025), a partir de O Alegre Canto da Perdiz (CHIZIANE, 2008).

A análise das categorias apresentadas demonstra que a escrita de Chiziane transcende os limites da ficção e se consolida como um projeto político de reconstrução da memória coletiva. Ao colocar o corpo feminino no centro da narrativa, a autora rompe com os discursos coloniais e patriarcais que historicamente reduziram a mulher à condição de objeto. Maria das Dores inaugura o gesto de insubmissão, pois sua nudez, longe de significar vulnerabilidade, converte-se em símbolo de insurgência. O corpo torna-se linguagem, uma forma de resistência silenciosa que denuncia as violências sociais e institui uma nova forma de existir no espaço público moçambicano.

A trajetória de Maria Jacinta evidencia o caráter híbrido e fragmentário da identidade no contexto pós-colonial. Sua condição de mestiça expõe as fraturas deixadas pela colonização e a dificuldade de pertencer a uma cultura que a rejeita e a outra que a domina. Chiziane transforma essa condição liminar em força criadora: o “entre-lugar” vivido por suas personagens é também um espaço de reinvenção, onde se constroem novas possibilidades de ser mulher e de ser moçambicana.



Do mesmo modo, Delfina personifica o poder transformador da memória. Ao rememorar seus erros e dores, ela reinscreve sua trajetória sob outra luz, provando que recordar é um ato de resistência e de cura. Sua confissão reverte o esquecimento imposto pela história oficial, restaurando a dignidade de quem foi marginalizada. Nesse processo, o mito e a oralidade — presentes nas histórias da mulher do régulo e no canto ancestral da perdiz — reafirmam a força da tradição africana como repositório de saberes e de continuidade simbólica. A memória coletiva, portanto, não apenas preserva o passado, mas alimenta o presente e projeta um futuro possível, onde as vozes femininas não mais ecoam no silêncio, mas no canto — canto que, como em Chiziane, é resistência, herança e renascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, permitiu compreender como a literatura pode se constituir em um espaço de resistência e reconstrução simbólica diante das marcas deixadas pelo colonialismo e pelo patriarcado. Por meio da articulação entre corpo, memória e identidade, Chiziane dá voz a mulheres que foram historicamente silenciadas, permitindo que suas experiências e afetos sejam reconhecidos como parte essencial da história moçambicana. Assim, a autora reafirma a potência da palavra literária como instrumento de reexistência, um espaço de insurgência onde o feminino se faz visível e o passado se reconfigura como herança viva.

Ao revisitar a história de Moçambique sob a perspectiva das mulheres, Chiziane propõe uma reescrita da nação, descentrando o olhar eurocêntrico e valorizando as epistemologias locais. A memória, nesse contexto, não é apenas recordação, mas um gesto político que busca reparar os apagamentos e reinscrever as vozes subalternas na narrativa coletiva. Essa dimensão dialoga com as reflexões de Ricoeur (2007) e Pollak (1989), ao compreender que lembrar é também reconstruir — e que essa reconstrução implica resistência. O ato de lembrar, nas personagens femininas, torna-se o meio pelo qual a dor se converte em canto e o trauma em força de transformação.

As identidades que emergem na obra são múltiplas e em constante trânsito. Inspirando-se nas reflexões de Hall (1996) e Bhabha (1994), percebe-se que Chiziane concebe a identidade feminina não como essência fixa, mas como processo contínuo de negociação entre culturas, tempos e memórias. Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta



encarnam diferentes modos de resistência diante das imposições coloniais e patriarcais, revelando que ser mulher em Moçambique é também habitar o entre-lugar, onde a tradição e a modernidade se cruzam. Nesse sentido, a literatura torna-se o espelho dessas metamorfoses, ao transformar o que antes era marginalidade em potência criadora.

Além disso, a escrita de Paulina Chiziane inscreve-se no que Mata (2013) denomina “reconversão crítica”: um movimento de descolonização da linguagem e do imaginário, no qual a autora propõe novas formas de narrar e de representar o feminino africano. A recuperação da oralidade, dos mitos e das ancestralidades não apenas resgata saberes apagados, mas reafirma uma identidade coletiva enraizada na experiência africana. Desse modo, a obra transcende o espaço literário e alcança um campo político e cultural mais amplo, tornando-se um manifesto contra as formas de opressão e um testemunho da força criadora das mulheres.

Por fim, este estudo evidencia que *O Alegre Canto da Perdiz* não se limita à representação de um tempo histórico, mas atua como instrumento de crítica e de reconstrução da memória nacional. A literatura, em sua dimensão simbólica e ética, emerge como espaço de cura e de reexistência, onde o passado não é esquecido, mas reapropriado e ressignificado. Dessa forma, a obra de Chiziane reafirma que cantar — como a perdiz, como as mulheres — é um ato político: um modo de existir, resistir e reinventar o mundo. O canto, portanto, é mais que metáfora; é a prova de que, mesmo após a violência e o silêncio, as vozes femininas de Moçambique continuam ecoando, fortes e insubmissas, no coração da memória.



REFERÊNCIAS

- ARENAS, Fernando. *África Lusófona: além da independência*. São Paulo: Edusp, 2019.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998 [1994].
- BRUGIONI, Elena. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (orgs.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.
- COELHO, Fábio Roberto. *Literatura e nação em África: identidades, memórias e pós-colonialismo*. São Paulo: Alameda, 2013.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001 [1993].
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1996].
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas de língua portuguesa: nascer com a nação*. In: BORRALHO, Henrique; SILVA, Tatiana Raquel Reis (orgs.). *Histórias e literaturas em países africanos de língua oficial portuguesa*. São Luís: EDEUMA, 2020. p. 47–62.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Manaus: UEA Edições, 2013.
- MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 171–209, 2001.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993 [1984].
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200–212, 1989.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1988].

